

# *A música como reencantamento: um novo papel para a educação*

Nize Maria Campos Pellanda

Universidade de Santa Cruz do Sul  
nizepe@portoweb.com.br

**Resumo.** A autora faz neste artigo uma larga cartografia da modernidade, com o objetivo de mostrar o processo de fragmentação das dimensões humanas e como isso redundou numa educação formalizada divorciada da vida. Nesse processo de perdas, a imaginação e a emoção foram negadas como instrumentos cognitivos, o que teve conseqüências epistemológicas e ontológicas da maior profundidade. O ângulo de abordagem dessa análise foi o conceito de *autopoiesis*, oriundo da Biologia da Cognição, desenvolvida pelos biólogos H. Maturana e F. Varela. A autora propõe então aos educadores(as) musicais uma nova tarefa: a do reencantamento da educação, pelo potencial que tem a música de disparar processos cognitivo-ontológicos.

**Palavras-chave:** *autopoiesis*, modernidade, música

**Abstract.** In this article the author traces a wide cartography of the modernity aiming to the fragmentation process of the human dimensions and the consequences of these factors in terms of a formal education severed from life. In this process of losses, the imagination and the emotion were denied as cognitive instruments with deep cognitive and epistemic implications. The subject was approached based on the concept of *autopoiesis* that came from the Biology of Cognition developed by the biologists H. Maturana and F. Varela. The author suggests a new task to music educators: the reenchancement of the education due to the power that music has to trigger cognitive and epistemic processes.

**Keywords:** *autopoiesis*, modernity, music

## Introdução

O mundo foi desencantado. Vivemos um momento extremamente difícil da história da humanidade, como culminância de um longo processo no qual perdemos a capacidade de ver, de ouvir, de sentir. As emoções e a imaginação, elementos constituintes de realidade e de conhecimento, são relegadas a um plano inferior. Enfim, perdemos a capacidade de conhecer, o que compromete nosso viver. Trago aqui a idéia de conhecimento ampliado, para muito além do racional, do individual, do cérebro, do huma-

no. Conhecimento é, antes de tudo, inseparável do processo de viver.

Sem encantamento não há conhecimento. A música que acabo de ouvir me encanta. Com isso, me conecto com vocês, comigo mesma, com o mundo, com o cosmos. Preciso dessas emoções para me mobilizar e me construir. Preciso delas para inventar minha vida, já que não existe um mundo pronto lá fora que vai determinar meu viver.

O que entendo por encantamento? Exatamente, a conexão cósmica. Para os antigos hindus, a música era uma arte divina. Ou seja, instrumento de conexão e criação. Nessa perspectiva, o ser humano carrega o divino dentro de si. Ele não é diferente do criador.

Com a modernidade fomos perdendo, gradativamente, nossas habilidades conectivas. Na verdade, ao falar de desencantamentos e reencantamentos estou pensando em Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química em 1977, morto recentemente. Ele falava de um mundo desencantado e da necessidade de reencantamentos. Esse cientista pode ser considerado um dos construtores do novo paradigma, ao tentar lançar uma ponte entre as dimensões cindidas da realidade pela modernidade. Uma das principais relações que ele procurava destacar era justamente a da ciência com a arte. Para Prigogine, a arte é o símbolo da ciência contemporânea, enquanto o mecanismo do relógio simbolizava a ciência cartesiana. Acabaram-se as certezas. Tudo é vir a ser, tudo é devir, tudo é invenção. Temos que inventar nossas vidas a cada momento. A vida, como sugeriu Nietzsche, precisa ser vivida como uma obra de arte. Hoje, uma nova biologia está mostrando que Nietzsche estava coberto de razão.

Esse desencantamento que tem assombrado a cultura ocidental desde os começos da modernidade pode ser revertido pela arte, pelo reatamento do diálogo com a natureza, com os outros, com nós mesmos.

A proposta que trago aqui é, portanto, de reencantamento. Vocês, educadoras e educadores musicais têm em mãos importantíssimas ferramentas para isso. O educador(a) musical trabalha com som, que nada mais é do que vibração de energia, o que nos permite a criação. Um novo paradigma científico está nos mostrando um universo termodinâmico, energético, em detrimento de um universo inerte e de um sujeito asujeitado nas mãos de um suposto destino pré-traçado. Nós produzimos energia através das emoções que emergem das conexões. Vamos tentar refletir sobre elas à luz dos pressupostos de uma ciência complexa e de um novo contexto cultural.

Essa é a proposta que trago para discutir com vocês: pensarmos juntos em estratégias para enfrentarmos a crise existencial criada por essa cultura do esfacelamento: o resgate da ação humana, das emoções e o papel da arte para construirmos um mundo melhor.

Para organizar minha comunicação começo

pela proposta de reflexão em torno do reencantamento, a seguir faço uma rápida cartografia do desencantamento, ou seja, da fragmentação da cultura moderna e suas conseqüências para as nossas vidas, para, finalmente, discutir as possibilidades de reencantamento a partir de alguns pressupostos do paradigma da complexidade.

### **Cartografando o desencantamento**

A modernidade é o tempo das fragmentações. Descartes sistematiza um paradigma científico a partir do horror ao erro, da ênfase na razão e das fragmentações. A busca das certezas e das idéias preexistentes nega o devir e a ação dos homens e mulheres. É a perda da autonomia enquanto autoria, pois a lógica que subjaz a tudo isso é aquela das estruturas inatas, da negação do devir e da ação. Afinal, se tudo está predeterminado não há espaço para a agência humana. Tudo isso é feito com base nas fragmentações. Os seres humanos são dilacerados e a realidade sujeita a disjunções incontáveis. Vão se afrouxando todos os laços que nos ligam ao cosmos. Tudo é fragmentado: sujeito/objeto; eu/outro; corpo/alma/emoções; exterior/interior; sagrado/profano; conhecer/ser e assim sucessivamente, num processo de esquizofrenização onde o ser humano já não sabe mais quem é porque perdeu a capacidade de conectar-se. É por isso que uso a palavra “esquizofrênico” em suas origens gregas, *frenus* (inteligência) e *squizeo* (cortado). Tudo se passa como se o conhecimento fosse independente da ação do sujeito cognitivo. Há um determinismo aí. O ser humano e a natureza, vivendo separados, cada qual funciona como uma máquina que obedece à leis rigorosas e invariáveis, não podendo, por isso, ter a menor influência sobre seu destino. A teoria da evolução de Darwin, no século XIX, segue esse espírito.

O edifício cartesiano é sustentado por uma extrema formalização, ou seja, tudo é reduzido a fórmulas, números e figuras geométricas. Ele é, antes de tudo, reducionista e simplificador. Tudo é reduzido à razão e, por isso, é o paradigma da simplicidade, o que nega a característica fundamental da realidade, que é a complexidade. Passa-se por cima dos sentimentos e do sutil. Com as “idéias claras e distintas” nega-se o mistério e as dimensões mais profundas do ser humano.

Todos esses elementos que compõem esse paradigma científico têm repercussões profundas na vida dos homens e mulheres, e vão conformando uma nova sociedade. O que está implícito em tudo isso é uma perda de liberdade, em direção a uma sociedade e uma subjetividade cada vez mais administradas. As conseqüências mais profundas dessa nova

ordem lançam suas raízes de forma tão arrasadora que, hoje, estamos sentindo de maneira brutal a repercussão de todo esse processo de coisificação do humano.

A ciência não é um epifenômeno pairando acima da realidade dos homens e mulheres. Ela é produção das relações sociais. Todo esse processo de desencantamento está relacionado com a emergência de um novo modo de produção: o capitalismo. E esse novo sistema tem como eixo central não os seres humanos, mas o lucro. Por isso, é preciso legitimar um tipo de relações sociais no qual seja justificada a exploração do homem pelo homem e da natureza pelos homens. Os vínculos comunitários entre os seres humanos começam a se apagar, e a relação com a natureza perde o seu caráter sagrado. Ela já não é mais considerada algo vivo e pulsante, mas passa a ser vista como algo inerte e sem vida.

O mundo foi desencantado. Perdemos nossa capacidade de diálogo com a natureza, com o cosmos, com os outros seres humanos. Perdemos a dimensão do sagrado.

Olgária Matos caracteriza de forma muito profunda esse processo de desencantamento, que assola a modernidade e chega aos nossos dias em forma de deterioração cultural e existencial. Diz ela:

Desencantamento do mundo: em Descartes, ele se encarna no sujeito abstrato do puro pensamento de si – aquele que não tem dor a mitigar, nem esperanças a realizar. Tanto o pensamento platônico como o cartesianismo, por razões diversas, implicaram num universo desinfeitado, demitizado, “sem qualidades”, racional. No universo mítico e mágico, ao contrário, “nada é natural na natureza”, tudo é sagrado. (Matos, 1993, p. 74).

A organização política imposta pela burguesia vai desembocar no liberalismo. A burguesia precisava de uma teoria que consolidasse seu poder político e enfrentasse o poder dos reis. O direito que vai surgir, então, tem como marca a separação entre moral e religião, o que vai ter profundas consequências para a vida das pessoas. Esse direito é um direito natural que nega as condições materiais das pessoas e as relações com o divino, prega uma ordem mecânica da natureza e explica a conduta dos homens apenas pela razão. Enfim, esta teoria que surge nesses tempos modernos é a da propriedade privada como direito natural. No final do século XVII e início do século XVIII, Locke elabora a primeira formulação dessa teoria.

Inicia-se com isso o processo de revoluções burguesas, do qual a Revolução Francesa é o exemplo mais clássico. Esse processo revolucionário

aprofunda ainda mais o racionalismo, que chega a se tornar fanático: a deusa Razão durante a Revolução Francesa tem um altar em sua homenagem na igreja Notre Dame de Paris. A Revolução Francesa produz a primeira Declaração Universal do Homem e do Cidadão, como também a primeira constituição francesa. Ambas apresentavam as idéias de universalização da liberdade. Isso entusiasmava e tem realmente valor. A história tem mostrado, por outro lado, o quanto de ilusão tudo isso tem – na verdade, a liberdade liberal é a liberdade de um grupo – os detentores do poder econômico. O mercado, hoje sabemos muito bem, não é para todos. A liberdade das revoluções burguesas era a liberdade dos proprietários. Os trabalhadores, as mulheres e as crianças não tinham direitos. Os homens e mulheres não são seres concretos, com seus sofrimentos e necessidades, mas abstrações. Podemos observar a partir de então claramente o processo de formação do individualismo – o sujeito é arrancado de seu contexto, de suas raízes, de sua dimensão subjetiva e espiritual para virar uma coisa abstrata. As relações sociais são tratadas como coisas.

Há uma juridificação crescente da vida cotidiana, que acaba pesando mais sobre os oprimidos porque há uma “institucionalização da sociedade”, o que transforma essa sociedade numa “instituição total”. Este é o processo de constituição da “sociedade administrada”, uma criação da modernidade.

O liberalismo que se instala com a Revolução Francesa, e que depois é replicado por outros Estados, defende a liberdade do mercado, que pressupõe um equilíbrio natural da oferta e da procura. Esse equilíbrio implicaria a não intervenção do Estado, que segundo os liberais se faz desnecessária. É claro que, na prática, os não-proprietários têm menos condições de sobreviver a esta luta.

A Revolução Comercial cria as condições para a Revolução Industrial, que viria a consolidar o capitalismo. Aprofunda-se a exploração, que vai assumindo formas cada vez mais dramáticas.

A vida, como a história, não é linear. Por isso, os anos 60 trouxeram uma época de grande contestação: trabalhadores, estudantes, artistas iniciaram um grande movimento em prol da liberdade, onde apareciam de maneira cada vez mais intensa as preocupações com a solidariedade e a justiça social.

Esse movimento assustou muito o *establishment*, ou seja, os donos do poder, que, imediatamente reagiram, forçando o advento de uma era sombria para a humanidade. A crise do petróleo, a diminuição dos lucros e o aumento da taxa de juros,

juntamente com o medo dos movimentos contestatórios que se espalhavam pelo mundo, levou os donos do capital a ações sistemáticas e muito bem planejadas para desmontar a tendência libertária. Chamaram em seu auxílio os intelectuais orgânicos de direita, bem como alguns chefes de Estado (Reagan e Thatcher) e, sem ouvir a sociedade, impuseram uma ampla reforma da economia, do Estado e da sociedade. No Brasil, temos o desdobramento desse processo nos anos Collor e FHC, que nos mostram claramente os sinais dessas reformas. Trata-se daquilo que estamos acostumados a chamar de neoliberalismo. Em termos da estrutura econômica assistimos a uma ampla reestruturação produtiva e à flexibilização do trabalho, que provocaram um desemprego estrutural. Os trabalhadores começam a perder, gradativamente, direitos historicamente conquistados. Do ponto de vista do Estado, assistimos à emergência do Estado Mínimo, ausente dos compromissos sociais. O Estado brasileiro, no referido período, foi sucateado ao seu limite. E, finalmente, sob o ponto de vista da sociedade, o discurso do poder, veiculado principalmente através da mídia, invade profundamente as subjetividades, transferindo o palco do poder, que antes era externo, para o interior de cada subjetividade. Agora somos nós que nos auto-primamos, Não precisamos mais de opressores externos. Nós mesmos nos encarregamos da tarefa.

Vivemos, portanto, a partir dos anos 70, uma regressão cultural profunda, com estratégias refinadíssimas de dominação, nas quais vão se perdendo sensibilidade, e, por isso, sérios problemas existenciais emergem. Mas a força do humano, de sua necessidade de autocriação e de solidariedade explode em movimentos solidários, artísticos e culturais da maior importância. O Fórum Social Mundial é um exemplo.

Nesse processo, há um conjunto de importantes perdas existenciais. A questão da ação foi talvez a perda mais significativa do humano. Como já referimos, tudo se passa como se o sujeito cognitivo fosse independente da ação do conhecer. E é esse sujeito cindido, alienado de si mesmo e de suas relações cósmicas que chega aos nossos dias, depois de um longo processo de seqüestro de dimensões importantes do humano.

No entanto, os seres humanos não são bonecos manipuláveis nas mãos do destino. São seres criativos, sempre à procura de novas soluções para o seu viver. A partir do século XX começam a surgir outras interpretações do processo de evolução (Humberto Maturana, Henri Bergson, Teilhard de Chardin) que nos mostram uma evolução criativa,

onde os seres vivos “escolhem” caminhos no processo evolutivo e vão se bifurcando rizomaticamente e não em linha reta. Teilhard de Chardin expressa muito bem essa nova visão da evolução biológica criativa e não-linear: “[...] seus rastros não deixam uma única trilha linear” (Teilhard de Chardin, 2001, p. 58). A capacidade criativa dos seres humanos e sua necessidade de autoria e de viver em rede é que vão fazendo emergir movimentos que respondem às necessidades de cada momento. É dessa forma, e no bojo de situações de extrema opressão, como o neoliberalismo, por exemplo, que foram surgindo movimentos solidários, em busca de uma humanidade mais justa, num movimento evolutivo que vai aperfeiçoando o humano.

Neste momento, lembro as palavras de Gandhi: “A vida persiste em meio à destruição” (Gandhi apud Yogananda, 1981, p. 407). Com isso, fizemos a passagem para uma era que pode ser de reencantamentos. Tudo depende de nós.

### **A emergência do reencantamento**

O paradigma que acabamos de discutir estendeu-se por séculos de forma hegemônica. As vozes dissonantes eram muito poucas, mas não deixaram de existir. Os artistas e o poetas, com sua capacidade de conhecer mais plenamente porque usam a emoção como instrumento cognitivo, alertavam para o perigo do racionalismo. Blake foi um deles. Dizia ele: “Queira Deus nos livrar do pensamento único e do sonho de Newton.”

Podemos fazer uma escuta dessas vozes e identificar aí um universo energético, onde o pulsar da vida tentava se impor por traz das sombras do formalismo. Um exemplo incrível disso é Spinoza que, em pleno século XVII, ou seja, contemporâneo de Descartes, referia-se aos seres humanos não como substância ou coisas, de acordo com o cartesianismo, mas como modos de potência, como possibilidades de serem afetados. Spinoza referia-se às emoções como portadoras de energias negativas e positivas. As emoções negativas, como a tristeza e a raiva, diminuem nossa capacidade de agir e de conhecer, enquanto que a alegria e o amor a aumentam (Spinoza, 1983). Ora, Maturana, na sua teoria da Biologia do Conhecer diz quase as mesmas coisas nos nossos dias, a partir de uma ciência da complexidade: “[...] a única emoção que expande a inteligência é o amor” (Maturana, 1999, p. 226, tradução minha).

Mas foi somente a partir do século XIX que se iniciou de maneira sistemática a crítica do racionalismo. Por esse tipo de atitude, Marx, Nietzsche e Freud foram chamados de “mestres da suspeita”.

Nietzsche foi o mais brilhante de todos eles, e é justamente a música que ele usa como instrumento para reafirmar a vida, o encantamento e atacar o ideal socrático do conhecimento como separado da vida. Diz ele em palavras cheias de emoção:

[...] a vida no fundo das coisas, a despeito de toda a mudança dos fenômenos, é indestrutivelmente poderosa e alegre, esse consolo aparece com nitidez corporal, como o coro dos sátiros, como coro de seres naturais que vivem inextinguivelmente como que por trás da civilização, e que, a despeito da mudança das gerações e da história dos povos, permanecem eternamente os mesmos. (Nietzsche, 1983, p. 8).

Nos seus duros ataques à ausência da vida trazida pela formalização da modernidade, Nietzsche traz de volta a sabedoria perene. Ele nos fala do eterno retorno e da circularidade da vida. Ora, é justamente nessa época que o aparecimento de fenômenos complexos coloca sob suspeita essa lógica da linearidade, que é a lógica da simplificação, da disjunção. Por isso, ela não dá mais conta desses novos desafios da realidade. É também nessa época que começam a aparecer as equações não-lineares. Uma lógica circular começa a se impor, como também a idéia de um universo que produz energia. Volta, portanto, aos poucos, cada pressuposto desprezado da velha sabedoria universal, que a cultura cartesiana varreu arrogantemente para baixo do tapete da história. Nesse processo de expurgos, a imaginação também foi desprezada como atrapalhadora do conhecimento. Ironicamente, ela volta em nossos dias com o estatuto de instrumento fundamental da cognição. Na cultura digital ela vem como a simulação. E imaginem vocês o que seria hoje da medicina, da aeronáutica, da matemática, da física das altas partículas, da meteorologia se não fosse a simulação computadorizada.

Bem, nesse eterno retorno, hoje buscamos a sabedoria milenar dos hindus e outros povos orientais, para compreender alguns fenômenos que, por uma doença cognitiva, nós estivemos impedidos de ver. Essa doença cognitiva está relacionada com a nossa incapacidade de estabelecer relações cósmicas. Os antigos hindus, por exemplo, achavam que o som era a energia potencial primordial. Por isso, representavam-no com um círculo, para expressar o infinito. A física do século XX nos mostra a luz, a matéria e o som como vibrações de energia. E cada um de vocês aqui sabe que o som é elemento perturbador, que age no sentido da transformação pessoal.

“Os antigos sábios do Oriente insistiam em que o som é fundamental para o processo da consciência, para o próprio processo criativo” (Kafatos; Kafatou, 1994, p. 118).

Mas onde podemos buscar os pressupostos teóricos para fundamentar nossa proposta de reencantamento?

Muitas são as manifestações da ciência complexa nessas últimas décadas. Algumas pesquisas sobre neurofisiologia, imunologia, termodinâmica, física quântica e outras mais parecem páginas tiradas dos antigos vedas na Índia, tal é a sua beleza e capacidade de articular conhecimento formalizado com sabedoria do homem comum. Não cabe aqui nesse momento fazer referência a todas elas. Vou destacar brevemente apenas alguns elementos teóricos para discussão. Trata-se da Teoria da Cognição, de H. Maturana e F. Varela (1991), já referida de passagem. Esses cientistas desenvolveram uma teoria do funcionamento dos seres vivos como “autopoieticos”. O conceito de *autopoiesis* deriva de dois vocábulos gregos: *auto* (por si mesmo) e *poiesis* (criação). Portanto, os seres vivos são criadores de si mesmos, na medida em que produzem seus próprios componentes, configurando a sua realidade nesse processo.

O conceito de *autopoiesis* é um conceito complexo, uma vez que rompe com a lógica formal identitária porque contém dois pressupostos que segundo essa lógica seriam contraditórios: autonomia e rede. Os seres humanos são autônomos porque se constituem em um sistema fechado para informação, de tal maneira que nada do que vem de fora pode determinar o que acontece com eles. Mas, ao mesmo tempo, são abertos para a energia porque são seres de rede. O que vem do exterior, portanto, não determina o que acontece conosco, mas apenas perturba. A partir dessas perturbações, nós nos mobilizamos internamente para construir nosso conhecimento e a nós mesmos.

Aqui entra o papel da arte, das emoções e do ambiente. A escola que temos é uma escola onde não flui a vida, onde não aprendemos a viver porque faltam nesses espaços os elementos fundamentais para essa construção: as emoções, as interações solidárias, autoria. Se o modelo da vida é o modelo de rede e se conhecer passa por autoria, como nos sugere a teoria que estamos tratando, então o que precisamos é de um ambiente rico de perturbações estéticas e amorosas, um espaço de convivência. Ou seja, um ambiente tal que possamos sempre considerar “o outro como legítimo outro”, como costuma dizer Maturana.

E agora, volto novamente à questão da energia amorosa, da qual fala Spinoza e Maturana. Este último afirma que o amor é uma questão central no humano, e que não podemos viver sem amor.

Para finalizar, trago os pressupostos desenvolvidos por Teilhard de Chardin, um cientista e místico que viveu na metade do século passado. Ele é autor de uma outra teoria da evolução, muito diferente da evolução darwiniana baseada no princípio da "sobrevivência do mais apto". Ele mostra, como Maturana e Varela, o papel da solidariedade como central para o desenvolvimento da vida. Elabora a "lei da complexificação crescente", cujo pressuposto fundamental é a densificação crescente das relações amorosas na rede humanidade, o que levaria a uma espiral de crescimento, rumo a patamares cada vez mais elevados dos seres humanos. O que o Teilhard de Chardin sugere com sua teoria é que a humanidade pode ser diferente (Teilhard de Chardin, 1974).

O que essas velhas teorias e novas teorias estão nos mostrando é que podemos expandir nossas consciências ao desenvolver nossos potenciais de ser e de amar. As antigas trazem a meditação como auto-encontro e reatamento cósmico. Maturana e Varela, na Biologia da Cognição, nos mostram o alcance da autoconstrução. Varela nos fala da

Metodologia da Primeira Pessoa, segundo a qual somente podemos conhecer aquilo que experienciamos profundamente. Por isso, ele faz a busca na meditação e em outras atitudes de introspecção. Maturana fala em expansão da consciência como sentimento de pertencimento através do amor. Ora, tudo isso pode parecer muito estranho para um cientista treinado na neutralidade de um universo dividido, no qual o pesquisador não se encontra no objeto pesquisado.

A vida é pura virtualidade. Nós estamos continuamente atualizando nossos potenciais de ser. Tudo é devir, tudo é vir a ser. Nossa vida depende de nossas ações concretas. Com isso, podemos ir empurrando cada vez mais as fronteiras da realidade. Não há limites para a construção pessoal e para o conhecimento.

Finalizo com um desafio a vocês, educadores e educadoras musicais: como criar uma escola onde se aprenda a viver e a amar? Uma escola onde se invente a vida, onde possamos fazer da vida de cada um de nós uma obra de arte?

## Referências

- KAFATOS, Menas; KAFATOU, Thalia. *Consciência e cosmos*. Brasília: Teosófica, 1994.
- MATOS, Olgária. *O Iluminismo visionário*: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MATURANA, Humberto. *Transformación en la convivencia*. Santiago: Dolmen, 1999.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *El árbol del conocimiento*. Santiago: Universitaria, 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1983.
- SPINOZA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: Abril, 1983.
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *El fenómeno humano*. Madrid: Taurus, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Teilhard de Chardin: vida e pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- YOGANANDA, Paramanansa. *Autobiografía de um yogue*. São Paulo: Summus, 1981.

Recebido em 09/01/2004

Aprovado em 03/02/2004